

«A sensualidade é o nosso index do real»

Mark Rothko, A realidade do artista

Jaime Vasconcelos apresenta uma nova série de trabalhos que é definitivamente um novo marco no seu percurso artístico. Fotografias intervencionadas pela cor, sugerem-nos paisagens sensuais cuja composição - formal e cromática - nos desperta o interesse para as formações presentes na nossa própria memória.

Orientado-se pelas cores originais das paisagens, a coloração segue as formas sugeridas pelo recorte luminoso. A fotografia como ponto de partida para uma criação original que demonstra a sensibilidade do artista cujo interesse na fotografia se desenvolveu a partir do desenho. Um interesse contínuo na linearidade, cujo reencontro está marcado nesta série de trabalhos.

Desde que começou a desenhar, a criação foi sempre um acto impulsivo, uma vontade maior de comunicar com o outro. Assim, a fotografia torna-se cada vez mais um desejo compulsivo, uma oportunidade de chegar além de si, um sair para fora de si.

Conseguimos perceber já nos seus primeiros e mais antigos trabalhos fotográficos a grande sensibilidade da linha, na qual as formas e sombras são conjugadas de maneira a que o nosso olhar siga a narrativa do artista. Um contador de estórias, Jaime Vasconcelos conduz-nos numa determinada direcção, para depois nos abandonar; uma tentativa didáctica para descobrirmos por nós próprios o seguimento possível daquilo que presenciamos.

Não sendo pintor de formação, o conhecimento da história da arte e a paixão pela pintura reflectem-se no trabalho do artista. Esta paixão e o seu interesse pela cor aproximam-no de Mark Rothko, um dos artistas cujo extraordinário domínio da cor o fascinou a partir do momento que o "encontrou".

Desde cedo, Jaime Vasconcelos não se limitou a fazer só fotografia. A sua vontade criativa é interventora, jogando com materiais orgânicos ou sintéticos; projectando linhas pintadas para dentro da própria montagem fotográfica, como acontece numa série de trabalhos de 2000. Sempre procurou captar momentos, juntando a intervenção alheia à técnica tradicional do suporte da fotografia. Experiências que, com o tempo, levaram-no até aqui.

«Quanto aos meios plásticos em si, a sua descoberta e a ênfase com que o artista os emprega são também funções das concepções de real da época. Eles vão interagindo uns com os outros sucessivamente, sem que a ordem das prioridades tenha relevância. Em conjunto, constituem o enunciado das concepções de real existentes numa época [...]» (Ibidem)

Hoje em dia o nosso olhar e a nossa concepção do real é constantemente desafiada e levada mais além. Os vários meios e suportes entrelaçam-se e criam novas possibilidades estéticas. Deste ponto de vista, a arte de Jaime Vasconcelos reflecte bem o espírito do

tempo; trabalha a fotografia e pintura digitais. A impressão final em papel de aguarela cria uma interacção entre o real e o virtual, recriando texturas visuais sobre texturas tácteis.

Reagimos assim não só à paisagem, imagem manipulada pela introdução da cor, como também à textura do próprio papel que nos relembra - no seu sentido mais clássico- a pintura e o desenho.

Desta vez foi o seu fascínio pela cor que o levou a ir além da fotografia. Já em 2005 desenvolveu vários trabalhos em que juntou a cor à fotografia. Contudo isso tinha acontecido, até agora, sempre em parceria com outro artista. Nesta série, é a primeira vez que o próprio se dedicou a encontrar um caminho possível entre o preto e branco da fotografia e a cor. Após um ano de preparação para este passo, finalmente “A cor tomou conta da fotografia”.

As obras presentes nesta exposição mostram-nos paisagens portuguesas. Assim, o artista proporciona-nos uma viagem pela “nossa terra” e leva-nos a vê-la pelos seus olhos. Uma homenagem, com certeza, a Mark Rothko, Jaime Vasconcelos conseguiu construir um trabalho genuíno; ficando sempre fiel ao seu percurso e procura artísticas, criou obras que se encontram entre a fotografia e a pintura, entre o conto e o encontro.

«O artista tenta proporcionar aos seres humanos contacto directo com as verdades eternas quando compacta essas verdades no domínio da sensualidade, que é a linguagem básica da experiência humana de todas as coisas.» (Ibidem)

Alda Galsterer, 21 de Maio de 2007